

Comunicação Intercultural e Diáspora Haitiana: Um estudo sobre o Terceiro Setor dentro do contexto migratório¹

Cezar Augusto MOREIRA²

Thaís França NALDI³

Juliana da Silva PASSOS⁴

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

Resumo

Após o terremoto de 2010 na República do Haiti, a diáspora haitiana se intensificou no Brasil, causando diversos problemas culturais e sociais. Com intuito de amenizar esse impacto, instituições de auxílio a migrantes são criadas no Terceiro Setor. Com suas limitações financeiras e estruturais, o trabalho dessas organizações carece de melhoras. As barreiras culturais e de linguagem são as principais causadoras dessas falhas, tendo em vista que a comunicação é intrínseca ao indivíduo e faz parte do seu cotidiano. A comunicação intercultural, no contexto migratório mundial, está ligada diretamente a inserção e a inclusão do migrante em uma nova cultura. A partir de entrevistas realizadas através do método História de Vida e análises de ONGs, esse trabalho visa identificar a problemática das barreiras de comunicação e cultura.

Palavras-chave: comunicação intercultural; diáspora haitiana; Terceiro Setor.

Introdução

O atual fenômeno migratório mundial atinge o Brasil de maneira notável. Com a chegada desses migrantes, o país se vê no dever de oferecer melhores condições e abrigo, mas por vezes falha no processo. O despreparo, a falta de estrutura e também de planejamento para esse movimento em crescimento constante não colaboram para a (re)locação desses indivíduos dentro do Brasil, que na atual condição de recessão econômica, sofre para recebê-los.

Após o terremoto de 2010 na República do Haiti, a imigração haitiana se intensificou no Brasil. Estima-se que em 2014 mais de 30 mil haitianos (COGO, 2014, p. 236) já haviam atravessado as fronteiras brasileiras em busca de melhores condições para

¹ Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação. Espaço e Cidadania do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Graduado do Curso de Tecnologia em Comunicação Institucional da UFPR, email: ceezarmoreira@gmail.com

³ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Tecnologia em Comunicação Institucional da UFPR, email: tf.naldi@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Tecnologia em Comunicação Institucional da UFPR, email: julispassos@gmail.com

recomeçar. Muitos desses haitianos deixaram suas famílias para trás, na esperança de proporcionar uma vida melhor para elas, mesmo de longe.

Os desafios enfrentados pelo Brasil não se resumem à falta de infraestrutura ou de legislação para o amparo desses refugiados. As barreiras comunicacionais e culturais são de grande importância dentro do tema. O idioma, os costumes e o estranhamento do novo são apenas alguns dos desafios enfrentados pelos migrantes, que passam por um processo de aculturação na busca de suas novas identidades.

Com a falta de estrutura e planejamento governamentais, diversas instituições surgiram por todo o Brasil com o intuito de ajudar a organizar esses movimentos migratórios, mas por vezes não conseguem desempenhar o papel a que se destinam, pois não se encontram aptas a realizar as atividades de auxílio de maneira apropriada para atender o público-alvo, lidando com as barreiras culturais e o sofrimento histórico.

Nesta pesquisa, buscamos investigar as necessidades de comunicação entre as ONGs e os sujeitos, representados por quatro imigrantes haitianos entrevistados, residentes na capital paranaense, bem como a análise dos instrumentos de comunicação e conteúdos veiculados pelas organizações não governamentais que se propõem a atender este público específico, representadas por duas ONGs selecionadas para esta investigação. Assim, temos como objetivo identificar de que maneira tais propostas de trabalho atendem estes imigrantes, auxiliando efetivamente na inserção social, e refletir de que modos os conhecimentos da Comunicação Institucional poderiam colaborar para um trabalho mais eficiente.

Diáspora Haitiana

Oficialmente chamado de República do Haiti, o país se localiza na América Central e tem mais de 27 mil quilômetros quadrados e cerca de 9 milhões de habitantes, 95% negros e 5% mestiços e brancos, sendo o terceiro maior país do Caribe tanto em área quanto em população. O Haiti partilha a ilha de Hispaniola, no arquipélago das Grandes Antilhas, com a República Dominicana. Sua capital, Porto Príncipe, é onde se concentra a maior quantidade de habitantes, além dos outros dez departamentos do país. Os idiomas oficiais do país são o francês e o crioulo haitiano –conhecido também como *créole*, um idioma baseado no francês, falado por apenas aproximadamente 12 milhões de pessoas no mundo (LOUIDOR, 2013).

Antiga colônia francesa, o Haiti foi o primeiro país a conquistar sua independência na América Latina, como resultado de uma revolta de escravos em 1793, chamada de Revolta Haitiana, que durou cerca de dez anos.

De todas as mudanças de líderes no poder do Haiti, o que cabe ressaltar é a instabilidade política marcada por fortes disputas e mortes em massa. O Haiti possui em sua trajetória uma marca que fará parte do resto de sua história: marcas da exploração, da colonização. (DUTRA, 2014, p. 29)

Além disso, a República do Haiti foi o primeiro país do mundo a abolir a escravidão, sendo que seus primeiros líderes foram ex escravos.

O Haiti foi formado pelos diversos povos africanos vítimas da escravidão a que foram submetidos como força de trabalho. No tempo de sofrimento e expulsão de sua terra, o povo foi gerando a resistência cultural, espiritual e política por seus direitos, vidas e identidade, conseguindo preservar suas raízes originárias. Através de sua história, foram objetos de diversas dominações e ditaduras que levaram o povo a situações limite, e o povo haitiano teve a capacidade de sobrepor-se e gerar a resistência para conquistar a construção de novos espaços de liberdade. (ESQUIVEL, 2013, p.6)

A violência política toma conta do país desde seus primórdios, um dos grandes motivos para que o país tenha o pior Índice de Desenvolvimento Humano da América. De acordo com Informe Mundial do PNUD de 2014, o Haiti ocupa a posição 168 entre os 182 países do mundo⁵.

Segundo o Instituto Germânico de Monitoramento, o Haiti possui uma grande vulnerabilidade a desastres naturais, ocupando o terceiro lugar no Índice Global de risco climático (CRI) entre os anos de 1993 – 2012⁶. O maior deles ocorreu em 12 de janeiro de 2010, um abalo sísmico que alcançou a magnitude de 7,0 na escala Richter e afetou mais de 3 milhões de pessoas, levando a cerca de 217 mil mortes e a destruição quase completa do país⁷.

Após o abalo de 2010, a diáspora haitiana se intensificou. Segundo Hall (2003), os indivíduos migram por diversas razões, sejam elas “desastres naturais, alterações ecológicas e climáticas, guerras, conquistas, exploração do trabalho, colonização, (...) repressão política, guerra civil e subdesenvolvimento econômico”. No caso da migração haitiana,

⁵ Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/arquivos/RDH2014.pdf>> Acesso em 14/07/2015.

⁶ Disponível em: <<http://germanwatch.org/en/download/8551.pdf>> Acesso em 14/07/2015.

⁷ Disponível em: <<http://www.unhcr.org/cgi-bin/texis/vtx/home/opensslPDFViewer.html?docid=4bc71c109&query=haiti>> Acesso em 14/07/2015.

quase todos esses motivos são aplicáveis. Levando em consideração a situação econômica e política precária da República do Haiti, é possível entender a necessidade e vontade dos haitianos em deixarem sua pátria em busca de melhores condições para si e suas famílias, pois, como afirma Boff, “o ser humano e a sociedade não podem viver sem uma utopia. (...) não podem deixar de projetar seus melhores sonhos nem desistir de buscá-los dia após dia” (BOFF, 2008, p. 81). Estima-se que mais de um milhão e meio de haitianos residem fora do país, em países da América Latina como Peru, Bolívia e Brasil, além de países da América do Norte e Europa, sendo esses dois últimos destinos menos frequentes, por conta das dificuldades de ingresso.

Segundo entrevista⁸ concedida pelo padre Paolo Parise, da Paróquia Nossa Senhora da Paz de São Paulo, em maio de 2015, os haitianos vêm ao Brasil na esperança de ter melhores condições para viver. A informação que eles recebem é que o Brasil oferece muitos empregos, mas desconhecem a atual retração econômica do país.

Após a entrada no Brasil, esses haitianos buscam a legalização através da aquisição do visto permanente, concedido pelo Brasil, e se deslocam para diversos estados, principalmente os da região Sul e Sudeste, onde procuram por um lugar para morar e estabilidade econômica para tal.

A legalização dos haitianos é realizada através do oferecimento de residência permanente e vistos humanitários pela Polícia Federal, concedidos por meio da Resolução Normativa nº 97, de 12 de janeiro de 2012, expedida pelo Conselho Nacional de Imigração (CNIg) que determina:

Art. 1º Ao nacional do Haiti poderá ser concedido o visto permanente previsto no art. 16 da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, por razões humanitárias, condicionado ao prazo de 5 (cinco) anos, nos termos do art. 18 da mesma Lei, circunstância que constará da Cédula de Identidade do Estrangeiro.

Parágrafo único. Consideram-se razões humanitárias, para efeito desta Resolução Normativa, aquelas resultantes do agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto ocorrido naquele país em 12 de janeiro de 2010.

Art. 2º O visto disciplinado por esta Resolução Normativa tem caráter especial e será concedido pelo Ministério das Relações Exteriores, por intermédio da Embaixada do Brasil em Porto Príncipe.

Parágrafo único. Poderão ser concedidos até 1.200 (mil e duzentos) vistos por ano, correspondendo a uma média de 100 (cem) concessões por mês,

⁸ Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/05/estamos-em-emergencia-diz-padre-que-acolhe-haitianos-em-sp.html>>

sem prejuízo das demais modalidades de vistos previstas nas disposições legais do País⁹.

Nota-se que através dessa Resolução Normativa o número máximo de vistos concedidos era de uma média de 100 por mês, totalizando um total de 1.200 por ano, mas com o aumento gradual de haitianos que chegavam, e ainda chegam, ao país, o CNIg se viu obrigado a revogar esse limite. Em abril de 2013, foi publicada a Resolução Normativa 102:

Art. 2º. Fica revogado o parágrafo único do art. 2º da Resolução Normativa nº. 97, de 2012¹⁰.

Dessa forma, os imigrantes haitianos que possuem o visto não são considerados refugiados dentro do território brasileiro, podendo ser reconhecidos como cidadãos brasileiros, amparados por leis e direitos como todo brasileiro nato. Não se tem conhecimento de números exatos de imigrantes, haitianos ou não, dentro do Brasil. A entrada ilegal e o grande fluxo diário de entrada dos mesmos dificulta a contabilidade destes números. Dados de 2014 do “Instituto de Migrações e Direitos Humanos (IMDH), apontam para a presença de aproximadamente 30 mil imigrantes haitianos” (COGO, 2014, p. 236) e estima-se que em 2015 mais de sete mil haitianos já passaram pelo Acre¹¹. De acordo com dados do relatório de pesquisa publicado e divulgado pelo CNIg, Ministério do Trabalho e Emprego do Brasil e Organização Internacional para a Migração, em fevereiro de 2014 estimava que o número total de imigrantes haitianos no Brasil poderia chegar a mais de 50.000 até o final de 2014¹². A Assessoria de Direitos Humanos de Curitiba afirma que entres os anos de 2012 e 2014 mais de 4 mil haitianos foram recebidos na capital paranaense¹³.

Sem dinheiro, abrigo, informação e sem o conhecimento da língua portuguesa, esse imigrantes são acolhidos na maioria dos casos por instituições não governamentais (ONGs) ou religiosas. O papel dessas instituições no processo de inserção social e transição cultural dos imigrantes haitianos é de suma importância. A demanda de auxílio nos locais

⁹ Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C816A350AC8820135687F345B412D/RESOLU%C3%87%C3%83O%20NORMATIVA%20N%C2%BA%2097.pdf>> Acesso em 15/07/2015.

¹⁰ Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C812D3DCADFC3013E654069C31B65/Resolu%C3%A7%C3%A3o%20Normativa%20N%C2%B0%20102,%20de%2026-04-2013.pdf>> Acesso em 15/07/2015.

¹¹ Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/05/mais-de-sete-mil-haitianos-entraram-no-brasil-pelo-acre-so-em-2015.html>> Acesso em 28/05/2015.

¹² BRASIL. Conselho Nacional de Imigração, Ministério do Trabalho e Emprego do Brasil e Organização Internacional para a Migração. Relatório da fase brasileira da pesquisa “Migração dos haitianos ao Brasil e Diálogo Bilateral”. Belo Horizonte, 2014.

¹³ <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/sine-curitiba-e-porta-de-entrada-para-haitianos-no-mercado-de-trabalho/34671>> Acesso em 19/11/2015.

de destinos secundários é cada vez maior, por isso, as ONGs desenvolvem trabalhos para o atendimento desses estrangeiros por todo o país, não oferecendo apenas abrigo e alimentação, mas também auxílio judicial para a regularização dos documentos e vistos, aulas de português, assessoria na procura de empregos e orientações para a inserção desses indivíduos à nova comunidade, pois “a exclusão do imigrante seria uma exclusão do seu direito à vida, do direito de viver com certa dignidade dentro de uma sociedade” (DUTRA, 2014, p. 16).

Comunicação Intercultural e Terceiro Setor

O Terceiro Setor surge como resposta às demandas sociais que o Estado (Primeiro Setor) e o privado (Segundo Setor) não conseguem responder. A comunicação dentro de uma organização de Terceiro Setor é o principal meio para que tudo funcione, e é através dela que a organização angaria fundos para o financiamento de suas atividades e capta voluntários para a construção da instituição e chega ao seu público alvo.

As dificuldades que os imigrantes haitianos enfrentam ao chegarem ao Brasil não se limitam apenas aos problemas de ordem cultural. Sem nenhum tipo de suporte ou ajuda legal, e por vezes, sem nenhum conhecimento da Língua Portuguesa, a maioria desses haitianos “se concentra na extremidade inferior do espectro social de privação, caracterizada por altos níveis relativos de pobreza, desemprego e insucesso educacional” (HALL, 2003, p.64), o que os leva a aceitarem trabalhos braçais em setores como, por exemplo, a construção civil. Muitos haitianos acabam por ter de “aposentar” seus diplomas, conseguidos através de muito estudo em seu país de origem, pois não recebem o devido reconhecimento de seus méritos no Brasil.

A exclusão social compõe um universo do qual a segregação ambiental é apenas uma das expressões. A dificuldade de acesso aos serviços e infraestruturas urbanas (transporte precário; saneamento ineficiente; drenagem inexistente; dificuldade de abastecimento; difícil acesso aos serviços de saúde, educação e creches; maiores exposição à ocorrência de enchentes e desmoronamentos, etc) somam-se menores oportunidades de emprego (particularmente no setor formal), menores oportunidades de profissionalização, maior exposição à violência (marginal ou policial), discriminação racial, discriminação contra mulheres e crianças, difícil acesso à justiça oficial, difícil acesso ao lazer. A lista é interminável. Não há como definir um limite preciso entre o “incluído” e o “excluído”. Não se trata de um conceito mensurável, mas de uma situação complexa que envolve a informalidade, a irregularidade, a ilegalidade, a pobreza, a baixa escolaridade, o oficioso, a raça, o sexo, a origem e principalmente, a falta de voz. (MARICATO, 1994, p. 51)

Em suma, é possível compreender, considerando os conceitos de cultura e identidade anteriormente explicitados, que a comunicação está presente em toda e qualquer expressão de cultura e que a mesma se constrói através de grupos ou indivíduos de uma mesma nação, que partilham das mesmas convicções e valores.

Sobre a comunicação intercultural, podemos afirmar que

é um processo de interação simbólica entre indivíduos e grupos que possuem diferenças culturais explicitadas em suas percepções e formas de conduta, de tal forma que essas variações afetam de forma significativa o resultado de um encontro¹⁴. (ASUNCIÓN-LANDE, 1993, p. 5)

Segundo Asunción-Lande (1993), a comunicação intercultural ajuda a promover a cooperação e o entendimento entre as diversas culturas, permitindo uma maior sensibilidade cultural e uma apreciação das singularidades de outras culturas, alheias à sua. A autora ainda menciona a importância do estudo da comunicação intercultural como uma ferramenta para entender o impacto da cultura sobre a comunicação.

Para Alsina (1997, *apud* PIEROBON, 2006, p. 57), um dos pioneiros no estudo da interculturalidade, é importante distinguir multiculturalismo de interculturalidade. Enquanto um se refere a coexistência de distintas culturas num mesmo espaço, outro representa as relações efetivadas entre elas.

(...) o multiculturalismo [marca] o estado, a situação de uma sociedade plural desde o ponto de vista de comunidade culturais com identidades diferenciadas. Em conseqüência, a interculturalidade [faz] referência a dinâmica que se dá entre estas comunidades culturais. (ALSINA, 1997 *apud* PIEROBON, 2006, p. 57)

Partindo da noção de que as culturas não se encontram isoladas (PIEROBON, 2006, p. 57), é necessário que se haja uma interação, um diálogo, um respeito mútuo e acima de tudo, é preciso o reconhecimento das particularidades de cada cultura em que se deseja atuar ou conhecer. Essa interação entre membros de culturas diferentes é baseada em suposições culturais próprias de cada um, o que modifica assim a recepção e a interpretação das mensagens emitidas, por isso se nota a importância do conceito de “diferença cultural”, que aponta que certos aspectos de cultura de cada um afeta de maneira direta o grau de

¹⁴ Tradução nossa de: “Así, diremos que la comunicación intercultural es el proceso de interacción simbólica que incluye a individuos y grupos que poseen diferencias culturales reconocidas en las percepciones y formas de conducta, de tal forma que esas variaciones afectarán significativamente la forma y el resultado del encuentro”.

eficiência da comunicação (Asunción-Lande, 1993). Por isso, para a concretização da comunicação cultural, se faz necessário, segundo Touraine (*apud* SILVA, 2006, p. 6), que o indivíduo se desligue previamente de sua comunidade, para que se torne possível a compreensão do “outro” sem medo, receios e inseguranças.

Se buscarmos compreender um povo, temos que tentar colocar-nos, tanto quanto nós podemos, no contexto particular, histórico e cultural. (...) Não é fácil para uma pessoa de um país entrar no fundo da cultura de outro país. Assim, há grande irritação, pois um fato que parece óbvio para nós não é imediatamente aceitado pela outra parte ou não parece óbvio para ela em tudo. (...) A fim de entendê-los, temos de compreender o seu modo de vida e abordagem. Se quisermos convencê-los, temos que usar sua língua, tanto quanto pudermos, não a linguagem no sentido estrito da palavra, mas a linguagem da mente. Essa é uma necessidade. Algo que vai ainda mais longe do que isso não é o apelo à lógica e da razão, mas algum tipo de consciência emocional das outras pessoas. (OLIVER, 1962, p. v. *apud* QUEZADA, 2010, p. 20)

Asunción-Lande (1993, p. 11) aponta também que o fato de sermos conscientes de nossa própria cultura permite com que tenhamos mais sensibilidade frente a outras identidades culturais, conduzido assim a um trabalho em conjunto na tarefa de resolver problemas, diminuindo assim as barreiras comunicacionais.

Ainda mencionando as barreiras dentro da comunicação intercultural, Asunción-Lande (1993, p. 8) identificou algumas variáveis que podem ser encaradas como potenciais problemas no processo de comunicação intercultural, são elas: o idioma, os códigos não-verbais, as concepções de mundo e os padrões de pensamento. Para Quezada (2010, p. 23) “a linguagem é um fator essencial na comunicação intercultural, pois as pessoas compartilham, dão e recebem informações por meio da linguagem. Por isso, o idioma reflete necessariamente o contexto de uma cultura”. Os autores Jean-Claude Usunier e Julie Anne Lee (2005) ressaltam que a linguagem é o maior componente de uma cultura e que a língua que aprendemos na comunidade onde nascemos é a que estrutura nossa visão de mundo e nosso comportamento social.

Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais. (HALL, 2006, p. 40)

A seguir descreveremos duas organizações que oferecem auxílio para imigrantes haitianos na cidade de Curitiba e serão base para a análise da Comunicação Intercultural deste trabalho.

Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH)

Atendendo ao pedido da Prefeitura Municipal de Curitiba e a organização não governamental Casa Latino-Americana (Casla), o Curso de Letras e o Centro de Línguas e Interculturalidade (Celin) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) criaram, em setembro de 2013, o projeto Português Brasileiro para Migração Humanitária – PBMIH. A iniciativa consiste na concepção de um programa de ensino, pesquisa e extensão de português brasileiro voltado a migrantes na condição de refugiados e/ou em situação de vulnerabilidade social.

O programa envolve vários setores e é o centro de um Programa de Extensão e Pesquisa da UFPR, o Política Migratória e Universidade Brasileira – PMUB/UFPR, o qual se concentra no tema dos fluxos migratórios e na permanência de cidadãos estrangeiros com status de refugiados, portadores de visto humanitário e apátridas no Brasil e, sobretudo, em Curitiba. Integram o Programa 36 professores e 108 estudantes de graduação e pós-graduação¹⁵.

Até junho de 2015, o PBMIH atendeu 637 haitianos¹⁶. Em dados estimativos, 90% dos atendidos são de gênero masculino e 95% chegaram até o programa através de informações de amigos e familiares.

Além das aulas de português e cultura brasileira, o projeto organiza eventos de integração, culturais e sociais.

Dois voluntários são encarregados pela comunicação do programa. Eles administram e alimentam a *fanpage*¹⁷ da organização no Facebook, são responsáveis pelos contatos online e contribuem para o desenvolvimento do material impresso com informações básicas direcionadas aos migrantes, nos idiomas português, francês, *créole* e inglês. A *fanpage* do PBMIH é direcionada ao público brasileiro para a divulgação do trabalho, conscientização do processo migratório, bem como a captação de novos voluntários. Os materiais impressos são compostos por *flyers* e cartilhas com informações sobre visto, transporte público, leis trabalhistas brasileiras, números de telefone úteis,

¹⁵ Dados fornecidos pela doutoranda Bruna Pupatto Ruano, idealizadora do projeto.

¹⁶ O PBMIH atende em sua maioria alunos haitianos e sírios.

¹⁷ <<https://www.facebook.com/pbmih/>> Acesso em 21/11/2015.

cronogramas de atividades do programa, entre outras. A idealizadora do projeto, Bruna, comentou durante a entrevista que um ponto a ser trabalhado é a melhor distribuição desse material impresso em pontos estratégicos, como na sede da Polícia Federal de Curitiba, parada obrigatória para todos os migrantes, que hoje proíbe a distribuição desse material dentro de suas instalações.

Centro de Atendimento ao Migrante (CEAMIG)

Mais conhecida como Pastoral do Migrante, o Centro de Atendimento ao Migrante¹⁸ é, na verdade, um dos núcleos da Pastoral do Migrante da Igreja Católica Regional Sul, que inclui o estado do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A organização é uma iniciativa da Igreja Católica e do Comitê Estadual de Refugiados e Migrantes do Paraná, envolvendo órgãos do governo estadual.

O núcleo de Curitiba, o CEAMIG, fica anexo à igreja, em Santa Felicidade, bairro com grande população de haitianos. Nesse espaço, dezenas de haitianos são atendidos diariamente: desde aqueles que procuram por alimento ou vestuário, até aqueles que procuram ajuda jurídica com questões de visto ou procuram por trabalho. O atendimento é possível, principalmente, a partir de doações de fiéis e vizinhos da região.

Além das áreas de assistência já mencionadas, a igreja proporciona apoio espiritual aos migrantes com missas conduzidas em *créole*. Eventos são organizados para a troca de experiências culturais entre brasileiros e haitianos, assim como, eventos de integração.

A organização também oferece cursos de capacitação profissional em informática, corte e costura e até inglês, mas principalmente aulas de português como língua estrangeira.

Durante visita à sede, foi possível notar a falta de voluntários, desde a recepção até o atendimento dos haitianos. Havia apenas uma responsável pelo atendimento do projeto e o fluxo de haitianos no local era grande e constante.

A comunicação do CEAMIG não é feita por um profissional de comunicação, carência que prejudica a divulgação da entidade e a propagação das informações. O website¹⁹ é visualmente poluído, sem dinâmica de navegação e sem clareza do seu público-alvo. Os conteúdos publicados estão apenas em português e muitos não estão relacionados ao trabalho realizado. Existe uma aba dentro do website, onde estão dispostas as informações jurídicas a respeito de legalização e visto, onde os documentos estão expostos

¹⁸ <<http://pastoraldomigranteregionalsul.blogspot.com.br/p/quem-somos.html>> Acesso em 20/11/2015.

¹⁹ <<http://pastoraldomigranteregionalsul.blogspot.com.br>> Acesso em 20/11/2015.

no corpo do texto, com fontes e cores díspares, dificultando ainda mais a compreensão. A ONG não está presente nas redes sociais e não possui materiais impressos de própria autoria.

Dando voz aos sujeitos: Entrevistas com os imigrantes haitianos

Para o desenvolvimento desse trabalho acadêmico, foi utilizada a abordagem qualitativa, não enfatizando a representatividade numérica, mas sim, o aprofundamento da compreensão social do fenômeno da diáspora haitiana no Brasil. A escolha dessa abordagem se baseou nas características da visão *interpretacionista* do método qualitativo, que defende o estudo do ser humano como um ser ativo, entendendo que as pessoas interagem e interpretam o meio ao seu redor, além de construírem sentidos constantemente, o que se contrapõe a visão *positivista* do método quantitativo, que utiliza levantamentos amostrais, focando no comportamento humano compreendido através de dados brutos (OLIVEIRA, 2009, p. 2-3).

O método utilizado para a coleta de dados desta pesquisa foi o de entrevista aberta, onde o pesquisado relatou abertamente seu trajeto de vida, desde sua vida no Haiti até sua vivência no Brasil. Foram selecionados 4 haitianos, de ambos os sexos, da classe trabalhadora, entre as idades de 25 a 35 anos, para que pudessemos registrar fielmente suas experiências imigratórias sob seus próprios olhares. As entrevistas se deram através de encontros no decorrer da pesquisa. Em todo o processo os pesquisadores visaram o conforto e o bem-estar dos pesquisados, mantendo-se abertos a suas críticas e opiniões, protegendo suas integridades físicas e morais.

É possível identificar claramente a barreira da linguagem como principal dificuldade dos migrantes haitianos entrevistados. Apesar de todos estudarem o idioma desde que chegaram ao Brasil, nota-se que a dificuldade de aprendizado pelas diferenças linguísticas, tanto fonéticas quanto gramaticais, é grande. Sendo a comunicação “uma necessidade básica da pessoa humana, do homem social” (BERLO, 2003, p. 1), enquanto não houver a compreensão básica do idioma, o migrante vive em uma constante exclusão social, privado de seus direitos básicos como cidadão.

Para os haitianos entrevistados, o trabalho das instituições de apoio é essencial para sua inserção no meio, colaborando ativamente para a melhora da qualidade de vida. Todos se mostraram muito agradecidos pelo acolhimento, mas, com todas essas barreiras comunicacionais, algumas informações se perdem no decorrer do processo. O resultado,

muitas vezes, é a dificuldade de socialização, o medo, o receio de se inserir em uma cultura e de não ser aceito pelos membros dela por não falar o seu idioma e não conhecer os seus hábitos.

Considerações

Com um processo comunicacional melhor estruturado, é possível fazer com que todos os segmentos da organização consigam se desenvolver de maneira simultânea, abrangendo todos os públicos da organização, sejam eles internos ou externos, brasileiros ou haitianos.

Analisando as mídias online de ambas as ONGs, identificamos modos de utilização distintos. A PBMIH possui uma página na rede social Facebook²⁰, onde realiza a divulgação de suas atividades, conteúdo esse voltado ao público brasileiro. Dessa forma, o programa consegue despertar o interesse de prósperos voluntários e parceiros. Em contrapartida, o CEAMIG está presente apenas em um website próprio²¹, com informações desorganizadas, tendo um layout confuso e de baixa qualidade de visualização. O responsável pela atualização do website não é um profissional de comunicação, o que torna confuso o direcionamento de público-alvo, não se destinando nem a brasileiros, nem a haitianos. As publicações são sempre em português, textos longos e que, apesar de bem redigidos, não se destinam aos haitianos que desejam participar das atividades da ONG e nem chamam a atenção de pessoas que desconhecem o trabalho da instituição. Através de visita à sede do Centro de Atendimento, notou-se a precariedade e necessidade de mais voluntários na instituição, pois havia apenas uma responsável para um fluxo grande e constante de haitianos. Um melhor aproveitamento do website poderia levar a um maior conhecimento da população, motivando-a a colaborar e participar das atividades promovidas pelo CEAMIG.

A divulgação na mídia externa de ambas as ONGs ainda é baixa, prejudicando o desenvolvimento de suas atividades, não divulgando seus projetos, programas, atividades culturais, feiras ou ações coletivas, levando com que apenas o público que já conhece as organizações, e uma pequena parcela dos que não conhecem, se inteirem e interessem pelos eventos. A melhoria da divulgação na mídia externa faria com que a PBMIH conseguisse divulgar seus métodos de ensino, aprendizagem e inserção do migrante no novo ambiente cultural, alcançando outras instituições que poderiam progredir tendo a instituição como

²⁰ <<https://www.facebook.com/pbmih/>> Acesso em 21/11/2015.

²¹ <<http://pastoraldomigranteregionalsul.blogspot.com.br/>> Acesso em 21/11/2015.

modelo para a implementação de novos programas. Um dos anseios da idealizadora do PBMIH é que, com a multiplicação do método utilizado, outras instituições estejam aptas a atender as pessoas que hoje estão nas filas de espera. O desejo do programa não é aumentar e sim multiplicar, podendo assim manter a qualidade nos atendimentos. No caso do CEAMIG, a mídia externa colaboraria com a divulgação de suas atividades e necessidades, trazendo novos colaboradores ao projeto, bem como maior arrecadação nas campanhas de doação, seja de roupas ou alimentos.

Através dos resultados de campanhas de comunicação, é possível promover a multiplicação dos métodos utilizados no PBMIH, o aumento do número de voluntários e de arrecadações no CEAMIG, e as organizações poderiam atender a principal queixa dos haitianos entrevistados, aumentando o número e a frequência de aulas, assim como a assessoria a esses imigrantes. Levando em consideração as experiências de todos os entrevistados quanto à importância do domínio do português brasileiro, nota-se que este é o principal fator de inserção e familiarização social e cultural no novo ambiente e esta ação faria uma grande diferença na vida dos indivíduos potencialmente atendidos.

Esses migrantes, representados pelos entrevistados, buscam integração cultural e social, bem como a aceitação da sociedade. Uma possível solução para essa carência seria o maior conhecimento de ambas as culturas, tanto da parte do migrante, quanto do brasileiro, proporcionando assim, o respeito mútuo pelas características e diferenças de cada grupo. O estranhamento do diferente causa medo e o preconceito e a inserção social e o respeito acontecem a partir do conhecimento e entendimento.

A comunicação faz parte do cotidiano da sociedade e está presente em todos os lugares: comunicamos mesmo sem intenção. No contexto da diáspora haitiana, a comunicação assume papel fundamental. Através do conhecimento do processo comunicacional de ONGs que oferecem auxílio a migrantes, podemos identificar falhas e problemas, causadores de barreiras comunicacionais. A comunicação intercultural colabora para que essas barreiras sejam desconstruídas, fazendo com que o fluxo comunicacional funcione de maneira efetiva. Além de colaborar com o processo comunicacional, a interculturalidade proporciona o maior conhecimento de outras culturas, fazendo com que os indivíduos desenvolvam a tolerância e o respeito ao próximo.

Referências

- ASUNCIÓN-LANDE, Nobleza. **Comunicación Intercultural**. 1993. Disponível em <<http://www.lie.upn.mx/docs/Diplomados/LineaInter/Bloque3/Políticas/Lec3.pdf>>. Acesso em 25/09/2015.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- COGO, Denise. **Comunicação e migrações transnacionais: o Brasil (re)significado em redes migratórias de haitianos**. REU. Sorocaba, 2014.
- DUTRA, Luiza Corrêa de Magalhães. **O Acolhimento Institucional dos Refugiados e Migrantes no Brasil: um estudo de caso sobre a integração social dos haitianos residentes em Porto Alegre/RS**. Monografia de conclusão de curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.
- ESQUIVEL, Adolfo Pérez. **Haiti por si: A reconquista da independência roubada**. Fortaleza: ADITAL, 2013.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HANDERSON, Joseph. **Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa**. Tese de Doutorado defendida para a obtenção do título de Doutor em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.
- HARRIS, Philip Robert; MORAN, Robert T.; MORAN, Sarah V.. **Managing Cultural Differences: Global leadership strategies for the 21st century**. Oxford: Elsevier Butterworth-Heinemann, 2004.
- IBGE, **As Fundações Privadas e Associações Sem Fins Lucrativos no Brasil - 2012**. Disponível em <ftp://ftp.ibge.gov.br/Fundacoes_Privadas_e_Associacoes/2010/fasfil.pdf>. Acesso em 22/10/2015.
- LOUIDOR, Woody Edson. **Uma história paradoxal**. In: Travessia, revista do migrante. CEM. Nº 70, 2013.
- MARCHIORI, Marlene. **Cultura e comunicação organizacional**. São Caetano: Difusão Editora, 2006.
- MARICATO, Erminia. **Exclusão Social e Reforma Urbana**. Proposta: Rio de Janeiro, 1994.
- MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.
- NIELSEN, Waldemar. **The Third Sector: keystone of a caring society**. 1980.
- OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. **UM APANHADO TEÓRICO-CONCEITUAL SOBRE A PESQUISA QUALITATIVA: Tipos, técnicas e características**. In: Revista Travessias: Cascavel, Unioeste, v. 2, n. 3, 2008.

PIEROBON, Juliana. **A comunicação em contextos interculturais:** a excelências das relações públicas em organizações multinacionais. Monografia de conclusão de curso de Comunicação Social - Relações Públicas na Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2006.

PIMENTEL, Marília; COTINGUIBA, Geraldo Castro. **Wout, raketè, fwontyè, anpil mizè: reflexões sobre os limites da alteridade em relação à imigração haitiana para o Brasil.** Universitas Relações Internacionais. Brasília, 2014.

ROSA, Helaine. **Organização e cultura organizacional:** tentativas epistemológicas. Artigo apresentado no XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação: Salvador, 2002.

SEMENICK, Richard, BAMOSSY, Gary. **Princípios de marketing:** uma perspectiva Global. São Paulo: Makron Books, 1995.

SILVA, Joaquim Paulo. **Interculturalidade e transdisciplinariedade:** mudança social e saber no campo das teorias e práticas do desenvolvimento social. Disponível em: <www.cplhts.com/PDF/Joaquim%20Silva.pdf>. Acesso em: 25/09/2015.

SMITH, David Horton. **Four Sectors or Five? Retaining the Member-Benefit Sector. Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly.** V. 20 N. 2, 1991, pp.137-50.

USUNIER, Jean-Claude; LEE, Julie Anne. **Marketing across cultures.** Harlow: Pearson Education Limited, 2005.

YAMAGUTI, Berenice Aiko. **Comunicação Intercultural.** 2001. Disponível em <http://www.ead.fea.usp.br/TCC/trabalhos/TCC_Berenice%20Aiko.pdf>. Acesso em 10/09/2015.